

# Experiências Tropicais de Angústia

Uma interpretação do romance  
Angústia de Graciliano Ramos

Natália Fontes Rodrigues



# **Experiências Tropicais de Angústia**

Uma interpretação do romance

Angústia de Graciliano Ramos



*Natália Fontes Rodrigues*

# Experiências Tropicais de Angústia

Uma interpretação do romance  
Angústia de Graciliano Ramos





A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Experiências Tropicais de Angústia  
Uma interpretação do romance  
Angústia de Graciliano Ramos

Copyright © 2017, *Natália Fontes Rodrigues*  
Todos os direitos são reservados no Brasil.

**PoD Editora**

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110  
Centro – Rio de Janeiro - 20060-030  
Tel. 21 2236-0844 • [www.podeditora.com.br](http://www.podeditora.com.br)  
[atendimento@podeditora.com.br](mailto:atendimento@podeditora.com.br)

Revisão:

**PoD Editora**

Diagramação:

**PoD Editora**

Foto de Capa:

**Natália Fontes Rodrigues**

Impressão e Acabamento:

**PoD Editora**

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autora.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

R614e

Rodrigues, Natália Fontes  
Experiências tropicais de Angústia: uma interpretação do romance Angústia de  
Graciliano Ramos / Natália Fontes Rodrigues - 1ª ed. - Rio de Janeiro: PoD, 2017.  
156p. il.; 21cm - Inclui índice

ISBN 978-85-8225-161-4

1. Ramos, Graciliano, 1892-1953. Angústia. 2. Ramos, Graciliano, 1892-1953 -  
Crítica e interpretação. I. Título.

17-45720

CDD: 869.3

CDU: 821.134.3(81)-3

30/10/2017

---

## Dedicatória

Dedico este livro:

Aos trabalhadores e trabalhadoras que morreram lutando por terra, moradia e melhores condições de trabalho. Aos jovens negros e indígenas pobres que são cotidianamente torturados e mortos em nosso país. Às mulheres possuidoras das proles e de si mesmas que aplicam nos corpos somente as próprias normas. Às multidões inflamadas que ocuparam as ruas em 2013 contra a carestia e pelo direito às cidades. Aos estudantes que ocuparam as escolas para que essas não fossem fechadas ou sofressem processo de privatização, nos Estados de São Paulo e Goiás nos anos de 2015 e 2016.



A morte - o senhor absoluto.

*Hegel*

Tenho pena das pessoas que  
protestam contra a instabilidade  
das coisas humanas e perdem-se  
em reflexões sobre o nada terrestre:  
estamos no mundo terreno justamente  
para tornar imperecível o que é  
perecível, e isso só é possível fazer se  
soubermos apreciar a ambos.

*Goethe*

Se neste gato que me é caro,  
Como por ímãs atraídos,  
Os olhos ponho comovidos,  
E ali comigo me deparo,  
Vejo aturdido a luz que lhe arde,  
Nas pálidas pupilas ralas,  
Claros faróis, vivas opalas,  
Que me contemplam sem alarde.

*Charles Baudelaire*

Que século, meu Deus! – exclamaram  
os ratos e começaram a roer o edifício.

*Carlos Drummond de Andrade*





# Agradecimentos

Na realização deste trabalho tive a cooperação de muitas pessoas, às quais eu não poderia deixar de mencionar. Agradeço, primeiramente, a minha orientadora, a professora Beatriz de Moraes Vieira, por ter me apresentado a possibilidade de realização deste trabalho, ainda durante a minha graduação em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sou grata, sobretudo, pela prática dialógica, pelos aprendizados que me proporcionou, pelas dedicadas leituras aos meus textos, pelos livros emprestados, pelo tempo e trabalho empenhados nesta composição.

Agradeço aos professores Orlando de Barros e Victor Hugo Adler Pereira, que compuseram a banca da minha qualificação de mestrado, pelas leituras, colaborações, sugestões, correções, e atenção dedicados ao meu trabalho.

Ao professor André Dias, agradeço pela dedicação à formação de leitores na educação básica e superior, do qual, enquanto leitora, também me sinto um fruto por ter acompanhado as preleções dele durante o Ensino Médio na Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch. Agradeço por ter proporcionado nosso reencontro, durante a trajetória do meu Mestrado, devido ao convite para qualificação de mestrado da pesquisadora Beatriz Ribeiro Ferreira, a quem também sou grata. E às professoras que compuseram a banca avaliadora, Claudete Daflon dos Santos e Stefania Rota Chiarelli, que contribuindo com o trabalho de Beatriz sobre o romance *Angústia*, também auxiliaram com reflexões para este presente estudo.

Ao meu companheiro, o professor Gustavo Sette, sou grata pelos exercícios maiêuticos, por cada xícara de café, por cada palavra dita e ouvida, pelas leituras, pelo desvelo, por me proporcionar a paz e equilíbrio sem os quais não conseguiria concluir este estudo, e por todo afeto concedido a mim e ao meu trabalho.

Ao professor Igor Mendes, agradeço pelos relatos sobre o encarceramento de perseguidos políticos, que ele mesmo vivenciou, e tanto contribuíram para a elaboração deste livro sobre Graciliano Ramos, que também foi punido por lutar contra injustiças sociais. E pelas nossas conversas sobre o romance *Angústia*, obra por ele apreciada, e a respeito das angústias vivenciadas.

Ao professor Luís Antônio da Silva, agradeço pela leitura deste trabalho, pelos conselhos, conversas, e, sobretudo, pela empatia.

Aos professores Diego Santos Barbosa, Rosiane Pereira Pereira, e Rosane Barros, sou grata por nossos intercâmbios de ideias feitos desde a graduação e por me apoiarem nos momentos em que contratempos surgiram no percurso do meu Mestrado.

À professora Alessandra Fontes de Carvalho Rocha, agradeço pelas lições de língua francesa e por todo tempo dedicado para me tornar apta para o processo seletivo do Mestrado.

Ao professor José Antonio Fontes de Carvalho Ribeiro Rodrigues, sou grata por ajudar na formatação deste texto e por ser sempre tão solícito.

Aos funcionários da Biblioteca Nacional, sou grata pelos atenciosos atendimentos e auxílio na busca das fontes desta pesquisa.

Aos colaboradores da campanha de financiamento coletivo online no site Entropia Coletiva, agradeço terem tornado possível a publicação deste livro.

Por fim, gostaria de registrar que este trabalho não seria possível sem o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o abrigo do Programa de Pós-graduação em História Política da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

## Pequeno prefácio à guisa de apresentação à *Angustia Tropical* e outros bichos

O afeto de Natália Fontes Rodrigues pela obra de Graciliano Ramos vem de longa data. Desde ao menos sua graduação na faculdade de História da UERJ, ela manifestava sua admiração e empenhava-se em buscar caminhos para verter sobre a literatura graciliana seu olhar de historiadora.

Lendo os romances, os contos, as cartas, as *Memórias do Cárcere*, Natália Fontes Rodrigues aproximou-se da vertente que trabalha a relação entre história e literatura não apenas pelo viés sociológico, tampouco apenas pela dimensão formal e retórica. Nas palavras de Antonio Candido, trata-se da “passagem do dois ao três” com a superação da dicotomia entre forma e conteúdo sócio-histórico, a ser substituída por uma visão mais integradora e atravessadora, por assim dizer, entre estruturas textuais e mundanas. Desse modo, são consideradas e tratadas muitas correlações possíveis entre a historicidade e a literariedade, sem que se venham a subsumir os elementos estéticos nos sócio-históricos, nem vice-versa.

Nessa busca, Natália selecionou, para dialogar teoricamente, os autores Raymond Williams, Mikhail Bakhtin e Antonio Candido... e foi encontrando um modo próprio de entremear esses fios de História e Literatura. Sua escolha para a pesquisa no curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em História Política da UERJ, que ora se publica neste livro, recaiu sobre o romance *Angústia* (1936), no qual descobre relações sociais e políticas do início da década de 1930 no Brasil entretecidas tanto na temática quanto na forma dos *discursos indiretos livres* tão bem lapidados por Graciliano, tantas vezes rascunhados e cortados, na construção de sua linguagem seca e precisa – em busca, talvez, da “palavra justa”, como fizera Flaubert?

Tal gesto, em todo caso, parece marcar o traço da autora, pois também ela rascunhou, cortou, fez e muito refez seu texto, para adequá-lo a seu olhar agudo, que percebe preços de produtos e salários; percebe as heranças medievais na literatura de cordel; a presença de variedades do cangaço; o mal-estar do intelectual-funcionário desajustado em seu meio de trabalho e convivência; o difícil lugar da mulher no mundo patriarcal, no qual seus sonhos de melindrosa e vaidades e ilusões se despedaçam com a brutalidade da violência simbólica; a crueza da miséria econômica que se torna em miséria de espírito... As análises com base nas concepções de Mikhail Bakhtin sobre a linguagem, algumas pouco comuns na fortuna crítica de Graciliano Ramos, vão correlacionando as imagens

dos bichos feios e sujos, os ratos, as cobras, as lagartixas, os bichos do chão de que fala Antonio Candido, à inadaptação dos personagens tanto ao universo de relações sociopolíticas rurais, pautadas pelo coronelismo em decadência, quanto ao universo urbano em processo de modernização conservadora e tardia, em que as relações de domínio pessoal se mantêm e as injustiças se acirram em vez de dirimir, e junto com elas os ódios, os medos, os ciúmes, a loucura.

Os personagens deslocados – Luís da Silva, Marina, Moisés – carregam uma angústia que Natália mostra consistir em uma *estrutura de sentidos ou sentimentos* da época, conforme o conceito de Raymond Williams, relativamente às insatisfações com a existência histórica, que aparecem no romance em diversas instâncias, desde as relações de gênero até a decepção com o processo político pós-1930. Em *Angústia* se patenteia um desencanto com o que deveria ter sido uma verdadeira “Revolução” e não foi, e cujos desdobramentos foram transfigurados literariamente no calor da hora, mostrando impactos subjetivos do esvaziamento de esperanças objetivas. Mas, para além ou aquém de algumas incursões na filosofia existencialista, o caminho original percorrido (e essa é apenas mais uma das várias originalidades de Natália neste trabalho) para pensar a especificidade dessa angústia, a cor local dessa dor social e brasileira, foi a ideia de *angústia tropical* de Oswald de Andrade.

Se por tudo isso não fosse, a pesquisa cuidadosa da obra de Graciliano e a escrita bem polida fazem deste livro uma leitura instigante, e, mais importante, com a qual se vem a conhecer aspectos da história do Brasil nos anos 1930 a partir da literatura. Que belo encontro este, do velho Graça com a jovem Natália!

*Beatriz de Moraes Vieira*  
Professora Doutora de Teoria da História e Historiografia  
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

# Sumário

Agradecimentos.....	7
Prefácio .....	9
Introdução .....	13
Capítulo 1. A tormenta do tempo e dos bichos .....	21
1.1 A composição angustiante.....	21
1.2 O romance singular .....	34
1.2.1 A recepção da crítica da época.....	34
1.2.2 Um enredo simples? .....	36
1.2.3 O narrador sem lei e a narrativa em primeira pessoa .....	38
1.3 Angústia, o relógio e os bichos.....	42
Capítulo 2. O Colar de Cobra: A “Honra” de “Coronéis” e Cangaceiros.....	49
2.1 Recordações sertanejas no romance Angústia .....	49
2.2 O “coronel” Trajano e os “coronéis” no romance social nordestino..	52
2.3 Luís da Silva e a “honra” sertaneja de cangaceiros e “coronéis” .....	59
2.4 O colar de cobra .....	65
2.5 “O conto sensacional de seu Ramalho” .....	69
Capítulo 3. A cidade e o tempo roídos pelos ratos .....	75
3.1 O rato Julião .....	75
3.2 Os ratos e o relógio: carestia e trabalho nos anos 1930.....	78
3.3 Marina: do mar para a toca.....	86
3.4 Moisés: de coruja a percevejo .....	98
Capítulo 4. O duplo gato-rato e a angústia tropical.....	111
4.1 Artifícios do bacharel Julião Tavares .....	111
4.2 O duplo Luís-Julião .....	118
4.2.1 O <i>discurso indireto livre</i> e a formação do duplo Luís-Julião .....	118
4.2.2 O duplo gato-rato .....	124
4.3 A lagartixa, a réstia e as paredes .....	129
4.4 Angústia Tropical .....	131
4.4.1 Imagens e vozes angustiadas .....	136
4.4.2 Obstáculos possíveis .....	138
Capítulo 5. Conclusão .....	145
Referências .....	149



# Introdução

Como muitos outros livros, este nascia de uma forte vontade de compreender uma matéria que há algum tempo me interessava. Ter sido apresentada à obra de Graciliano Ramos ainda jovem me causou vívida comoção, ainda que também admirasse os então novos conhecidos textos que tratavam de questões fantásticas e deidades como a literatura do mundo antigo grego, dos heréticos livros renascentistas e das complexas histórias de amor dos românticos brasileiros do século XIX. Universos com os quais somente pude entrar em contato graças ao acesso à escolaridade. Dentre esses universos, o manifestado por Graciliano Ramos foi com o qual mais me identifiquei, apesar das distâncias temporal e geográfica dessa produção literária. De modo que Paulo Honório era uma figura que eu conseguia visualizar inteiramente. E o suicídio de Madalena, congruente às experiências dela. Algum tempo depois, “A criança infeliz” surgia, por vezes, como em um espelho d’água. E “O menino mais novo” e “O menino mais velho” de Fabiano assemelhavam-se com aqueles que escalavam árvores e corriam pelas ruas. *Percebia, então, que nossos dias iluminados pelo sol não eram, necessariamente, a simbolização da euforia na arte.* Surgia-me, assim, uma cálida franqueza.<sup>1</sup>

Felizmente, somente entrei em contato com o romance *Angústia* anos depois, durante o percurso na graduação de História. Esses anos transcorridos permitiram-me uma visão mais aguçada para determinadas questões da obra. Por certo, a maneira de discursar de Julião Tavares somente me pareceu familiar com a frequência ao meio acadêmico. E nunca antes havia me deparado com uma narrativa tão audaciosa como a das tormentas de Luís da Silva.<sup>2</sup> Percebi também que os romances, além de experimentos técnicos das Letras, exprimem muitas outras formas de conhecimentos. E despertou-me vigorosa curiosidade que rendeu um sucinto estudo sobre os caprichos e angústias da personagem Marina. O mundo de *Angústia* pareceu-me demasiado grande e senti necessidade de continuar a desbravá-lo. E a pesquisa persistiu com bastante inquietação e apreensão para cumprir a tarefa proposta. Em muitos momentos foi fundamental apreciá-la com distanciamento, o que proporcionou a conclusão deste livro.

Este livro é principalmente dedicado à desmistificação da reputação de constante alegria do povo brasileiro, como se fosse um otimista ingênuo que acha estarmos no melhor dos mundos possíveis. O romance *Angústia* de Graci-

---

<sup>1</sup> Cf. RAMOS, 1991; RAMOS, 1971: 85 – 102; RAMOS, [1995]: 235 – 240.

<sup>2</sup> Cf. RAMOS, 1936.



liano Ramos manifesta dores profundas, como pude perceber detidamente neste estudo. Nessa obra pode-se ver o quão distante estamos do otimismo do Cândido voltairiano<sup>3</sup>, como mesmo o protagonista de *Angústia* diz: “Tantos indivíduos condenados injustamente neste mundo ruim!”<sup>4</sup>. E assim como o romance *Angústia*, falou-se também de outras produções culturais que apresentaram personagens desajustados e desditosos, sobretudo nos romances brasileiros da década de 1930. Obras que exprimem experiências de angústias gretadas pelo sol.

A representação de angústia por imagens solares a princípio pode soar como um contrassenso, em consequência da constante associação, que se faz pelo senso comum, de que nos trópicos os povos são mais efusivos e alegres. Quando comumente nos referimos ao termo “solar” pretendemos falar sobre uma alegria resplandecente. Ao qualificar as experiências angustiantes por “tropicais” pretendi destacar as especificidades da empiria desse sentimento frente às simbolizações gélidas, das angústias dos ventos do norte. Essa distinção entre angústia tropical e polar, proposta por Oswald de Andrade<sup>5</sup>, pareceu válida para discernir as peculiaridades dos sentidos e sentimentos manifestados no romance *Angústia*, justamente para enfatizar que a angústia, um sentimento universal, pode ser experimentada e simbolizada de diversas formas.

Podemos também nos questionar o porquê da ênfase do termo “experiências”, inclusive surgido no próprio título do texto. Isso ocorre, pois a empiria é uma das primeiras facetas da vivência histórica. Por meio das “experiências”, das ações humanas no mundo, são produzidos momentos únicos que compõem nossa historicidade. Assim, também as enunciações são singulares, únicas<sup>6</sup>. Uma frase pode-se repetir, já a enunciação sempre é nova em virtude do contexto no qual se insere e pelas temáticas que apresenta. Neste trabalho as enunciações são concebidas enquanto formas comunicativas que expressam sentidos, nelas também estão contidas as criações de simbolizações de experiências e sentimentos. A particularidade da enunciação, portanto, é aqui coadunada à particularidade do momento histórico.<sup>7</sup> O tema é atualizado a cada enunciação, por isso, qualquer enunciado é revestido de sentido individual. A significação do enunciado pode ser reiterada, mas o sentido não o será.

Esse atributo do enunciado poder-se-á atentar nas repetições de frases pelo protagonista Luís da Silva no romance *Angústia*. Os significados dos enunciados

<sup>3</sup> Cf. VOLTAIRE, 1979.

<sup>4</sup> RAMOS, 1975: 82.

<sup>5</sup> Oswald de Andrade designou por “angústia tropical” a angústia manifestada no romance *Angústia* de Graciliano Ramos. Cf. ANDRADE, 2011. Acerca dessa designação cf. Capítulo 4 deste livro.

<sup>6</sup> Cf. BAKHTIN, 2014: 133.

<sup>7</sup> *Idem*: 134.

podem repetir-se, contudo os sentidos renovam-se. Como na reprodução da expressão bíblica “os que têm fome e sede de justiça”, o significado não se alterará, mas o sentido é novo em cada enunciação de acordo com o contexto em que está inserida e a forma de entoação.<sup>8</sup> E as interpretações de elementos temáticos e formas discursivas foram os principais métodos empregados neste livro, também recorrendo, por vezes, à descrição densa das passagens dos romances.

A interpretação de algumas temáticas, presentes no romance *Angústia*, tiveram destaque na pesquisa como, por exemplo, o processo político de 1930. Por meio da apreciação dos enunciados do romance *Angústia* foram captadas unidades temáticas pensadas na interface, principalmente, dos saberes de história e literatura. Neste trabalho compreendeu-se a política enquanto um fenômeno cotidiano, presente na vida de todos, e que não se reduz às relações entre profissionais da política e partidos institucionalizados. E, sobretudo, as relações de dominação no seio do “coronelismo” e na instauração da Segunda República foram centrais para entender os embates políticos simbolizados no romance *Angústia*.

Percebeu-se nas narrativas analisadas que os protagonistas, majoritariamente, passavam por precárias condições de vida, apesar de muito labutarem e não possuírem engajamento na política estatal. Há romances como *Jubiaba*<sup>9</sup>, de Jorge Amado, e *Moleque Ricardo*<sup>10</sup>, de José Lins do Rego, em que trabalhadores insurgem-se contra as precárias situações nos empregos e baixos salários. E essas sublevações são contidas e os pretensos líderes punidos e presos. Em *Angústia* também há, nos devaneios do protagonista, uma insurreição em que o trabalhador seu Ramalho participa ativamente. Em todas as obras averiguadas as manifestações de trabalhadores são neutralizadas e penalizadas.

Nota-se, portanto, consonância dessas representações nas obras literárias com a célebre frase do presidente de Minas Gerais, Antonio Carlos, direcionada aos líderes do processo político instaurado em 1930: “Façamos a revolução antes que o povo a faça.”<sup>11</sup> Antonio Carlos era um dos membros que articularam, em 1929, a Aliança Liberal formada por forças políticas e tenentes das oligarquias de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba, para a defesa da candidatura de Getúlio Vargas à presidência da república. Insatisfeitos com o resultado favorável ao candidato paulista Júlio Prestes, exigiram a deposição do presidente no poder, Washington Luís. Nos dissídios pela presidência da república configurava-se essa aliança que exigia reformas políticas, eleitorais, nos direitos trabalhistas e a anistia dos tenentes que se insurgiam na década de 1920.

---

<sup>8</sup> Cf. Capítulo 4.

<sup>9</sup> AMADO, 1963.

<sup>10</sup> REGO, 1993.

<sup>11</sup> Cf. ABREU & BELOCH, 2001.

As mudanças sociais simbolizadas na produção cultural da década de 1930, com ênfase na interpretação das apresentadas no romance *Angústia*, são promovidas à revelia das parcelas proletarizadas que se retiram do campo para a cidade e em ambas ambiências sofrem com condições adversas de vida. Essa característica em comum averiguada em alguns romances de 1930 é compreendida no livro enquanto uma *estrutura de sentidos e sentimentos*<sup>12</sup>. Em outras palavras, concebem-se os elementos em comum em obras de uma mesma época como a expressão de pensamentos e sentimentos que estão emergindo em uma sociedade, e que se defrontam com estruturas sociais consolidadas. Dessa forma, nota-se que as parcelas populares nos romances são representadas no afincio da obtenção do mínimo para a subsistência e com dificuldades nas definições identitárias. As principais obras refletidas são na maioria romances. Pensar historicamente obras ficcionais foi mais um desafio deste livro e a compreensão de singularidades dos enunciados e dos instantes históricos, bem como a concretude desses, foram indispensáveis.

O romance *Angústia* é, portanto, compreendido enquanto expressão artística e como uma forma de comunicação. A compreensão de uma obra de arte como um meio de interlocução com um público, que ao longo dos anos se modificou e aumentou, ensinou a leitura na qualidade de manifestação linguística e literária que também falou sobre a própria época. As perspectivas estéticas e discursivas empregadas no romance são passíveis de historicização sem, no entanto, encerrá-las em uma redoma temporal.

A obra *Angústia*, em mais de oitenta anos de existência, despertou o fascínio em um público cada vez mais jovem e mesmo a realização deste livro foi uma parcela das ressonâncias do romance na trajetória temporal dele.<sup>13</sup> O fato de poder encontrá-lo em bibliotecas, livrarias, sebos, online, dentre outros meios, é significativo. *Angústia* é um clássico da literatura nacional, e, além disso, também está presente na memória afetiva de muitos leitores que se identificam com as dores do protagonista e se interessam pelos temas presentes no romance.

A palavra angústia somente é mencionada no título do romance de Graciliano Ramos, em toda a obra a angústia é expressada pelas simbolizações de bichos e aflições características desse sentimento, sem ser diretamente denominada. Essa angústia está intrinsecamente relacionada às mazelas resultantes da

---

<sup>12</sup> Acerca da definição do conceito de estrutura de sentimento/sentido cf. Capítulo 1 deste livro. Cf. WILLIAMS, 1979, 1989, 2014, 2000, 2011.

<sup>13</sup> A recepção da obra à qual me refiro está fundada no crescimento de pesquisas acadêmicas, entre artigos e dissertações de mestrado, realizadas nos anos 2000. Essa informação baseia-se na pesquisa de referências por mim realizada, apesar de não dispor de nenhum dado numérico. Além de ter mantido diálogo com leitores da obra. Portanto, tal constatação resulta da empiria aplicada neste trabalho. Cabe aqui mencionar que a recepção da obra não é o objetivo deste estudo.

pauperização material e aos conflitos sócio-políticos do período. Assim, além de pensar os problemas existenciais e os sintomas deles, meditou-se, neste trabalho, acerca da relação entre o sentimento de angústia e as questões sócio-políticas, presentes nas obras estudadas. Dessa forma, foram fundamentais os estudos de autores que intercambiaram ideias e vida material, para a fundamentação teórica deste estudo. As relações entre Estado e Cultura foram compreendidas à luz das perspectivas de Antonio Gramsci e Karl Marx; e a relação entre História e Literatura, de Raymond Williams, Mikhail Bakhtin e Antonio Candido.

Como mencionado anteriormente, neste livro empregou-se a noção de angústia tropical, indicada por Oswald de Andrade, como a forma de leitura considerada mais apropriada sobre o sentimento de angústia expresso no romance de Graciliano Ramos. Assim, buscou-se pensar as peculiaridades da expressão desse sentimento na produção cultural brasileira. E para compreender o sentimento de angústia *per se* recorri às correntes de pensamento tradicionais que se detiveram a essa sensação, no entanto, sem ater-me estritamente a nenhuma delas. Das leituras existencialistas, principalmente de Jean-Paul Sartre, pensou-se a noção de angústia dos possíveis que, em suma, constata a inquietação perante as escolhas. Já a leitura acerca da clínica freudiana propiciou a percepção dos sintomas de angústia, sobretudo, o fenômeno da asfixia dos desejos. Cabe mencionar que essas leituras foram abordadas porque se tratam de perspectivas acerca da angústia pensadas na primeira metade do século XX – período aqui refletido, mesmo que essas sejam antagônicas no que se refere, principalmente, à noção de consciência<sup>14</sup>. Desse modo, compreendendo tais leituras como perspectivas próprias da época pensada. O cerceamento das escolhas e a sensação de asfixia foram aqui relacionados a um *modus vivendi* que estava se configurando no meio cultural nacional, ao qual se designou angústia tropical.

Assim, este livro dedica-se a pensar alguns desses temas divididos em quatro capítulos que conectam a simbolização de bichos à representação de processos políticos e à interpretação de sentidos e sentimentos.

O capítulo 1 – “A tormenta do tempo e dos bichos” – versa sobre a trajetória de Graciliano Ramos no período em que escrevia o romance *Angústia* até o momento da publicação, a recepção da crítica da época ao romance, os bichos enquanto símbolos e demais elementos do contexto da obra. Nesse capítulo inicial associam-se as experiências do autor com a produção de *Angústia*. Por certo,

---

<sup>14</sup> O existencialismo sartreano não admitia a noção de inconsciente, pois todas as escolhas eram feitas conscientemente, na perspectiva de Sartre. Já Sigmund Freud teorizou acerca do inconsciente, para ele todos os processos psíquicos são inconscientes, e somente alguns desses processos tornam-se conscientes. A noção de inconsciente é uma entre tantas outras divergências entre as leituras existencialista e a psicanalítica. Cf. SARTRE, 2005; FREUD, 1996.

que após a criação terminada, a obra ganha autonomia frente ao autor, entretanto, durante o processo criativo obra e autor interligam-se, desse período criador pretende tratar o capítulo. Além de realçar características composicionais como possíveis semelhanças do enredo com as tramas dos filmes da época, buscou-se uma interpretação acerca da narrativa em primeira pessoa, e a conexão entre os símbolos dos bichos – que são os mais recorrentes na obra – e o sentimento de angústia.

No capítulo 2 – “O colar de cobra: a “honra” de “coronéis” e cangaceiros” – investiga-se a noção de “honra” para o cangaço e os “coronéis” durante a Primeira República e a simbolização das práticas desses personagens pela imagem de cobras no romance *Angústia* e em outras obras do *romance social nordestino*. As memórias do tempo de infância do narrador de *Angústia* são o foco desse capítulo. Por meio das recordações dele são narradas as “façanhas” de “coronéis” e cangaceiros no sertão. A noção de “honra” coincide, mais das vezes, com as práticas despóticas desses personagens e os *procedimentos coercivos*, largamente representados em romances na década de 1930. A manifestação da cobra como símbolo no romance procede devido à perigosa “honra” vingativa dos “coronéis”. E pelo sufocamento que os ofídios podem provocar, assim, como quem se angustia sente asfixiar-se.

No capítulo 3 – “A cidade e o tempo roídos pelos ratos” – correlacionam-se as imagens do rato e do relógio às formas comuns de vidas cidadinas dos anos 1930 expressas na obra *Angústia*. Destacam-se, nesse capítulo, a apuração do trabalho urbano, a carestia, os hábitos das melindrosas, as perseguições políticas aos socialistas, a construção discursiva da “Revolução de 30” como marco histórico, dentre outros temas presentes no romance. Os meios de comunicação como o cinema, o rádio e o jornal excedem-se na cidade e são catalizadores de novos costumes. O protagonista de *Angústia* sentia-se deslocado na cidade, pois os hábitos comuns no meio urbano eram bastante distintos daqueles do sertão, de onde ele era oriundo. Constatou-se também na obra *Angústia* a representação do aperfeiçoamento de *formas coesivas* no âmbito urbano na década de 1930, conjugadas às *práticas coercivas* que predominavam durante a Primeira República. As imagens do rato e do relógio na cidade vinculam-se à deterioração das experiências. O trabalho era cronometrado impassivelmente pelo relógio, mas não rendia nem ao menos o suficiente para a alimentação. Os ratos corroíam os alimentos, o tempo e os sentidos da existência.

No capítulo 4 – “O duplo gato-rato e a *Angústia Tropical*” – abordam-se a formação de um duplo por protagonista e antagonista no romance *Angústia*, a simbolização desses personagens pelo gato *versus* o rato, e as singularidades

das experiências tropicais do sentimento de angústia manifestado no romance de Graciliano Ramos.<sup>15</sup> Os dissídios entre Luís da Silva e Julião Tavares são centrais no romance *Angústia* e não poderiam deixar de ser aqui discutidos. As dissensões entre esses personagens envolvem as distintas práticas e visões de mundo. A atividade na imprensa do protagonista Luís da Silva converge, por vezes, com a conduta do antagonista. Essa contradição o exaspera. O conflito com o antagonista também é uma inconformidade do protagonista consigo mesmo. Essa incoerência lhe rende o sentimento angustiante que é reforçado pelos conflitos de identidade e outros obstáculos. A imagem do gato surge na trama como um estímulo à suplantação da vida acanhada de rato que se levava na cidade. Apesar da presença do gato também causar assombro ao protagonista.

E, por fim, a Conclusão ocupa-se do sentimento de angústia enquanto uma *estrutura de sentimento/sentido*<sup>16</sup> da década de 1930 no Brasil. A expressão de mudanças na sociedade brasileira e da inquietação e insatisfação com as limitações de reformas, presentes no romance *Angústia*, é interesse central das conclusões deste livro, além da relação entre esses processos políticos e a manifestação das experiências tropicais de angústia no romance de Graciliano Ramos.

Assim apresentados os caminhos que o leitor percorrerá nas próximas páginas, cabe também antecipar que se trata de um texto sobre “dores ordinárias”<sup>17</sup>, da maneira como Graciliano Ramos as desejava compor. Portanto, às vezes nos causam certos desconfortos, por se ver algo que desejamos guardar em silêncio. Esses sentimentos se encontram em nossa trajetória histórica e aqui se pretende falar um pouco deles.

---

<sup>15</sup> Cf. ANDRADE, 2011.

<sup>16</sup> Idem nota 12.

<sup>17</sup> RAMOS, 2005.



A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro, é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

[www.podeditora.com.br](http://www.podeditora.com.br)  
[atendimento@podeditora.com.br](mailto:atendimento@podeditora.com.br)

Composto e Impresso no Brasil  
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844

**2017**